

Droctulft

Dulcinea Santos

Dedico esse Artigo a Ângela Carolina Cysneiros e a Maria Adelaide Câmara, e agradeço-lhes o norteamento preciso de algumas veredas que por aqui trilhei. Com Amizade.

Leio no “Aleph”¹, de Jorge Luís Borges, uma certa história intrigante: a “História do guerreiro e da cativa”, na qual o grande Poeta se enreda com a figura histórica do guerreiro Droctulft e com a sua avó (avó do Poeta) inglesa, vista em diálogo com uma “rapariga índia”, também de origem inglesa, esta situada na posição antípoda do guerreiro, mas, como ele, tomada pela mesma pregnância. São belas e pungentes figuras reais, mas aqui me atenho, apenas, ao relato sobre Droctulft.

Droctulft foi um guerreiro Lombardo que, no assédio a Ravena, abandonou os seus e morreu defendendo a cidade que antes havia atacado. Os ravenenses sepultaram-no num templo e compuseram um epitáfio em que manifestavam sua gratidão (...) e o peculiar contraste observado entre a aparência cruel daquele bárbaro e sua simplicidade e bondade:

Terribilis visu facies, sed mente benignus,/Longaque robusto pectore barba fuit!

[“Ele tinha um rosto cuja visão provocava o terror, mas tinha um espírito benigno, uma longa barba cobria seu peito robusto”. (N. da T.)].²

¹“ Da letra aleph א à letra iod *o mundo invisível*, isto é, o *mundo angélico* (inteligências soberanas que recebem as influências da primeira luz eterna, atribuída ao Pai de quem tudo emana.” (Cabala Papyrus, trad. Sociedade das Ciências Antigas, SP: Martins Fontes, 1988).

² ☉ “etim lat.medv. *longobardus*; velha tradição dos próprios longobardos explica o nome: chamar-se-iam origin. *Winniler* 'combatentes vitoriosos'; depois, o deus *Wotan* (em versão lat.medv.) ter-lhes-ia dado o epíteto

Mais adiante, inserindo nesse relato a pena, intrusa, do tinteiro próprio, o Poeta Jorge Luís Borges matiza:

As guerras o trazem a Ravena e aí vê algo que jamais viu, ou que não viu com plenitude. Vê o dia e os ciprestes e o mármore. Vê um conjunto que é múltiplo sem desordem; vê uma cidade, um organismo feito de estátuas, de templos, de jardins, de habitações, de grades, de jarrões, de capitéis, de espaços regulares e abertos. (...) Droctulft abandona os seus e peleja por Ravena. Morre, e, na sepultura, gravam palavras que ele não teria entendido:

*Contempsit caros, dum nos amat ille, parentes,
Hanc patriam reputans esse, Ravenna, suam.*

[Ele desdenhava seus queridos pais, enquanto nos amava, considerando que Ravena era sua pátria. (N. da T.)].

E, aqui, agora, pergunto:

-O que viu Borges em Droctulft e o que viu, de fato, fato eivado de relações, Droctulft em Ravena? E, pertinentemente, então, lembro o rio único do nosso Poeta português, Fernando Pessoa, porque nesse rio – o rio do Poeta que apreende no belo o não-belo em “aldeia” habitando-o -, também se banham aqueles mensageiros que, igual a este, cortam os caminhos instados pelo tempo, tempo ditador, tempo “uno”, através das veredas que o instante cria; nesse rio, eles habitam em existência ímpar:

honroso de *longobarbati*'os de barbas longas', como fiéis seguidores do seu culto, fidelidade que se exprimia pela marca ostensiva das barbas longas; alternativamente, pela dificuldade provinda da term. da palavra, foi o nome associado ao de *alabarda*, isto é, 'os portadores de longas **alabardas**'" (Houaiss).

O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia,
Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia
Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia.

Droctulft em Borges é sujeito que verte o olhar para um foco, o *focus* relampejador: o dia, os ciprestes e o mármore...; o múltiplo sem desordem... ; a cidade... as estátuas, os templos, os jardins, as habitações...; os espaços...: tudo um só organismo. Tudo como uma nuvem brilhante que voluteia sobre o céu claramente, diurnamente, opaco, desconhecido.

Essas diferentes visões do que existia na estrutura desta comunidade – Ravena – responderam, com efeito, como informa o Poeta Jorge Luis Borges, não à beleza que a cidade comportava, mas sim, como sabemos, ao eco das “falas fundadoras” que dele se apropriaram, estrutura que o constituiu “história”, fruto de relações simbólicas, ao longo do tempo; tempo *Aion*, e não “*Crono*”; tempo que segue, incessantemente, vetorizado em direções opostas, abarcando simultaneamente tudo aquilo que existe, para trás e para frente, sustentando tudo aquilo que nessa linha vetorial se ponha, mesmo que se o ponha contraditoriamente!

Como bem analisa Borges:

Nenhuma dessas obras (eu sei) o impressiona por ser bela; tocam-no como agora nos tocaria uma maquinaria complexa, cujo fim ignorássemos, mas em cujo desenho fosse adivinhada uma inteligência imortal. (p.621)³

Trazendo, para a Psicanálise, o significado da Beleza, diz-nos Daniel Gerber⁴:

³ Jorge Luis Borges. Obras Completas, vol. I, SP, Ed. Globo, 1998.

⁴ “El vertigo de la sublimación: entre muerte y resurrección”, artigo publicado em Revista, México.

La belleza es siempre um velo que oculta lo imposible de decir que nos aproxima al caos y la aniquilación. La confrontación con la belleza convoca a la búsqueda de su más allá que la condiciona: lo sublime – pariente próximo de lo siniestro freudiano – imposible de aprehender. Por esto la belleza está destinada irremediabilmente a causar una fascinación siempre fugaz, para desvanecerse inmediatamente como un modo de mostrar su cercanía con la muerte, la muerte que siempre acecha desde su presencia en el trasfondo del objeto bello que nos atrae y atrapa, que captura nuestro desejo.

Penso em Droctulft: - Não seria o bárbaro, alienígena, a caminhar assim por essas veredas... mas, sim, a Voz, a Voz estranha que aí também estava, fazia perambular o autóctone, o bárbaro-autóctone, sussurrando na fala dos ciprestes, no murmúrio do mármore, no cochichar do múltiplo sem desordem, e em tudo o mais que aí, em Ravena, habitava, e falava-lhe, falava-lhe, ao autóctone. O que o teria detido, no instante em que vislumbrara os ravenenses, com certeza, então, teria sido este *fócus* irradiador da “sua história”, este foco que o remetera ao sentido de seu ser: a Pátria, de *Pater*, o berço de onde sua

viva história jazeu circulando, perambulando aí também pelos ciprestes que olhara, na cidade que o tomara, nos espaços que o capturara...

Transmutada em tudo o que aí existia, deslocara-se a Pátria lombarda... Fora para os confins que assujeitara este guerreiro, Droctulft, nesse Amor... Houve uma Voz que o chamara nesse sinistro familiar... Não seria estranho então fazer de Droctulft um traidor que desdenhara seus pais queridos, enquanto amava Ravena como sua pátria?

Diz-nos então Borges:

Não foi um traidor (os traidores não costumam inspirar epitáfios piedosos); foi um iluminado, um convertido. No fim de umas quantas gerações, os longobardos que culparam o tráfuga procederam como ele; fizeram-se italianos, lombardos e talvez alguém de seu sangue – Aldiger – pôde gerar aqueles que geraram Alighieri... Muitas conjecturas podem ser aplicadas ao ato de Droctulft; a minha é a mais econômica; se não é a verdadeira como fato, será como símbolo.

Ravena chamou Droctulft, que dele, Lombardo, assim o fez: ravanense (mesmo Lombardo sendo). Defende então Droctulft mais um sentido na morte.

Conduzida, agora, por estes tempos de hoje em que se discute, veementemente, sobre os eixos humanos do Bem e do Mal, associo, então, pelos seus traços constituintes, através da sonoridade, a história de Droctulft ao nome Ravena⁵ e, por deslizamento, o nome Ravena ao nome Iraque, e, continuando, sempre em deslizamento, Droctulft a um fictício gentílico-gentil-americano que, numa possível história, singular, irrepetível face à História Geral, fora assim conduzido, igualmente ao movimento de Droctulft em Ravena: “Rav” a “raiva”; “ave” a “amém” (de salve!); “avena” a “aveia” que, metonimicamente, lembra “trigo” (sempre símbolo que mata a Coisa), que lembra “pão” e “vinho”, a carne e o sangue de que o Homem é feito... E assim fora (este bárbaro-americano) levado a concluir que todos são Um...

Do bárbaro então fez-se aliado: autóctone, amigo, irmão, por ele morrendo, este contraditoriamente autóctone-alienígena...

Borges em Droctulft, e Droctulft em nós, todos somos cobertos por “um rosto” cuja visão provoca horror, a visão do bárbaro, mas de cuja “barba” aí aparente, “a barba cobrindo seu peito robusto”, o “espírito benigno” faz cambiar outra parte, a parte do ser que constitui o homem duplo, Todo, por inteiro; a parte que aponta, no terror, a piedade, ambos essencialmente vetorizados para a CATARSE HUMANA.

Droctulft é um nome bárbaro para nós, daí eu ter escolhido esse nome como título desse trabalho. Entendamos, com isso, o que significa não levar em conta “o rio que corre por minha aldeia”...

⁵ São extremamente elucidativas e pertinentes, no contexto, as associações polifônicas do termo “Ravena” que Adelaide Câmara trouxe, para mim, nas línguas inglesa e francesa: (raven, em inglês: corvo, pilhagem, rapina; ravage, em francês: ruína, devastação... Ra deus do sol egípcio; vena, veia, veia poética, inspiração no próprio italiano)

